

UM TEXTO GRAMATICAL DOS CÓDICES ALCOBACENSES

(B. N. L. Alcob. CCCXCIV/426, fol. 258 v.)

Pôr o problema da pronúncia do latim de forma prática implica ter que perspectivar e simultaneamente relativizar a questão dentro de coordenadas tão contingentes e tão imediatas ou imperativas como as de tempo, dos objectivos pretendidos, e sobretudo de uma consciência sincrónica de um estado linguístico. Pronúncia clássica para o latim clássico terá que passar, quanto a nós necessariamente, por este último dado, sem o que nos arriscaríamos a fazer arqueologia linguística, acabando talvez por não ganharmos sequer, em bom número de casos, o verdadeiro sentido da distância.

Pertencerá a uma didáctica esclarecida escolher e aproveitar o melhor momento e a melhor forma de apresentar e regular o aprendizado.

Nesta perspectiva, não deixará de ter interesse tomar contacto com um pequeno texto esquecido, porventura durante séculos, numa página de verso de um dos mais belos códices do fundo de Alcobaca conservados na Biblioteca Nacional de Lisboa.¹

O problema aí versado é o da pronúncia da letra x, que não é certamente o mais relevante no conjunto da questão da pronúncia do latim. Reconhecer-se-á, no entanto, que nele perpassa tanto a erudição gramatical, como a imaginação inventiva de forma didáctica (atendo-se, de resto, ao uso dos tratados gramaticais da Idade Média – cfr. por ex., Alcuino) e nos relança num debate em que uma e outra perspectiva não poderão ser esquecidas.

Seria legítimo conjecturar, pelo título, que este pequeno texto constitui um fragmento de outro com maiores proporções. Contudo, reconhecer-se-á também como em si mesmo forma um todo completo e plenamente estruturado.

A introdução de abertura, em tom sentencioso de inspiração bíblica (Cfr. Sap. 17, 28; Eccl. 20, 5, por ex.), a alegorização gramatical (além do quesitor, as quatro personagens: acentuação, ortografia, pronúncia e soletador), a forma dialogal, o apelo para as auctoritates, a referência à biblioteca monacal, entre outros dados, levam-nos a pleno ambiente medieval e escolástico.

A ênfase em referir a bibliotheca monachorum, por outro lado, coloca-nos para além dos muros claustrais. Escola de catedral, comunal, universitária? A procedência con-

creta do texto interessa relativamente pouco aqui, onde não se pretende uma discussão que fosse até englobar semelhante questão.

Poder-se-ia estabelecer confronto entre este nosso texto e outros legados pela tradição gramatical. De entre aqueles que temos à mão² (outros estarão certamente escondidos ainda por outros manuscritos), este ganha não só em extensão como na forma de apresentar um problema particular.

Baste-nos que seja dos raros textos deste género que um fundo tão significativo como o nosso fundo do Mosteiro de Alcobaça guardava escondido.

O copista que, no decurso do sé. XIV, com ele preencheu o verso do fólio 258, deixado em branco durante longos anos (as diferenças de morfologia da escrita permitem apontar para mais de um século, se bem que estejamos sempre dentro da gótica) executou obra elegante e cuidada. O título, as iniciais de parágrafo e as indicações de interlocutores são a vermelho³; a escrita revela mão segura e certa, estabelecendo a grafia a ocupar uns 3/5 da altura da linha; a mancha da página foi harmoniosamente calculada para receber todo o texto numa distribuição de: 47 LL / 45. 180. 24 (249) x 272. UR = 5,787 ou seja, 47 linhas longas de texto, 45 mm. de margem esquerda, 180 mm. de comprimento de linha de texto, 24 mm. de largura à direita (o que ao todo perfaz 249 mm. de largura de página) e ocupando uma superfície cuja altura é de 272 mm., o que permite calcular a unidade média interlinear (unidade de regramento), 5,787 mm., e uma altura média de escrita de 3,472 mm.

A margem esquerda é não só equilibrada como foi suficientemente ampla para receber as reacções de comentário erudito da pena de Fernando Álvares Penalva, anos mais tarde.

Quem seja este erudito, não nos é dado sabê-lo. Não deve ser seguramente monge de Alcobaça, deduz o P. Mário Martins, s. j., pois ali assinavam com Dominus Frater ou só Frater (no caso de não serem abades)⁴. Se tal regra era geral (ressalvem-se as possibilidades de excepção) seria um, entre tantos outros, a ter acesso aos códices, mas com bagagem intelectual adequada e com espírito crítico suficiente para introduzir comentários desta natureza. Alguma autoridade teria também para os escrever pausadamente e os assinar, tão confiante e tão seguro de não ser molestado.⁵

Aí fica este pequeno texto, no anonimato do seu autor, e agora subtraído ao recolhimento de Alcobaça e dos fundos da Biblioteca Nacional de Lisboa, uma vez mais disposto a receber as reacções de quantos queiram prestar-lhe atenção, servir-se dele, ou inspirar-se no seu método.⁶ Para uma leitura mais fácil abrimos nele os parágrafos e alteramos o tipo para assinalar o vermelho.

DE PRONUNCIATIONE HUIUS LITTERE X

Quum scriptum est: Sapiens uerbis innotescit paucis, et ut prolixitas euitetur ciusque ueritas sitienti manifestetur uidelicet de sono seu de pronunciatione huius littere x propterea pro quattuor artistis interrogandis ponit quesitor quattuor litteras ut per eas breuius queratur et respondeatur. Quarum nomina sunt ista: a, o, p, d. Prima ponitur pro artista accentus. Secunda pro artista orthographie. Tercia pro litterarum pronunciatione. Quarta pro dessubliteratore.

[I]ta igitur quesitor interrogat a, qui est sciens artem accentus: — Quem uel qualem sonum continet x littera?

A. Ipsa littera x de qua queris habet accentum acutum secundum meam artem, sed scio te non me de isto sono interrogare.

Quesitor dixit: — Bene dixisti secundum tuam artem.

Post hec ait quesitor ad o: — Postquam tu scis ordinem litterarum quomodo littere scribi debent et qualiter et quando et ubi una littera ponitur pro alia uel pro aliis, dic quid sentis de pronunciatione x.

O respondit: — Estimo quod pronuciari debet tali sono et spiritu quali pronuciantur ch pro quibus ponitur in nominibus grecis tantum, ut Xprisma sic pronuciari debet sicut si scriberetur ita: chrisma, et Xpristus sicut si scriberetur ita: Christus; nam hec littera x pro ch ponitur in dictis dictionibus et p pro r accipitur, secundum Papiam et secundum Priscianum, in primo.

Item pronuciari debet ut arbitror tali sono uocis quali pronuciantur cs uel gs pro quibus ponitur in nominibus latinis. Sed meo consilio, ait o ad quesitorem, vade ad litterarum pronuciatorem qui dicitur p et quere ab eo hanc declarationem, quia ad eum pertinet hec sciencia pronuciationis sicut mihi conuenit litterarum ordinem et modum ponere et declarare.

Tunc introiit quesitor ad p et ait ei: — Consilio optimo missus sum ad te ut auferas uelamen dubitationis et obfuscationis a corde meo de sono x de quo multa dicuntur a plurimis magistris et maxime Priscianus, in primo.

Ait p ad quesitorem: — Dic illa que dicit Priscianus, ut in breui concludatur.

Tunc quesitor ait hec que secuntur. Dicit Priscianus his uerbis: Grecorum doctissimi singulas fecerunt, et cetera, pro ch x scribentes. Item idem x duplex modo pro cs modo pro gs accipitur ut apex apicis, grex -gis. Et iterum ipse loquens de quadam littera que non fuit translata de greco in latinum et ponitur apud grecos pro ps uel bs sic ait: Sicut ergo ψ melius quam ps uel bs sonat, sic x etiam quam gs uel cs; etiam et x quidem assumptissimus ψ autem non. Et iterum ipse: Melius ergo nos x solam perponimus quem locum obti-

net cs sed de sono eius nichil amplius dicit.

Ait p: — Et non mirum quippe cum cs tantum ualeant iuncte cum aliqua littera uocali quantum x ut in hac dictione Xenodochium tantum ualet x in sono uocis quantum cs quasi si scriberetur ita: csenodochium.

Item ait p: — hec dictio exaudi ita debet pronunciari ac si scriberetur sic: ecsaudi, sed adhuc hac dictione et in consimilibus in quibus scribitur x potest quis legens errare in pronuntiatione et hoc propter errorem desublitterandi.

Ideoque inquit p quesitori: — Interroga d, desublitteratorem, presente me.

Cui quesitor: — Placet.

[H]is uisis et auditis gauisus est quesitor nimis, eo quod magna pars questionis erat ei jam declarata. Et uocato a quesitore d ait ei, coram p: — Dic mihi quomodo desublitteras istam dictionem ecsaudi scriptam per cs ut scire possim per desublitteracionem tuam sonum huius littere x in ista dictione exaudi et in aliis. Nam pro cs ista littera x ponitur ut dictum est.

Et ait d: — Placet ualde. Audi ergo quomodo desublittero: e c Ey s au Sau eysau d j Eysaudi et ita pronuncio exaudi sicut desublittero.

Audiens hec p ait ad d: — Errasti in desublitteratione tua, et ideo non mirum quod errasses in sono eius.

Cui dixit d: — Proba quomodo errauj.

p: — Nam manifestum est quod errasti in predicta dictione, in eo quod diuisisti x litteram per cs iungendo c ad tenorem prime sillabe et s ad tenorem secunde sillabe cum ambe debeant esse de tenore prime. Patet hoc per equipollenciam, nam hec littera x equipollet his, uidelicet cs et e contrario. Ideoque sicut x tota est de tenore prime sillabe in predicta dictione ita cs debent esse eiusdem prime sillabe. Et quod x tota sit de tenore prime sillabe testatur Priscianus in primo libro ubi sic ait: Quocienscumque ex, prepositio, ponitur oposita dictionibus a uocalibus incipientibus uel ab his quattuor consonantibus hoc est c, p, t, s, integra manet ut éxaro, éxéo, éxigo, exoleo, exuro, excucio, éxpeto, éxtraho, éxsequor, exspes, exsul. Item idem: In x nulla sillaba terminatur in media dictione nisi in composito a prepositione ex. *Hec subintellige nulla sillaba terminat etc, sed bene incipit; hic est sciencia.* Item amplius Priscianus in secundo libro: In c quoque nulla sillaba superior desinit nisi sequens quoque a c uel a q incipiat, ut bacca, vacca, foccus, ecquus, quicquam. Modo clarum est quod post c que inclusa est in x non sequitur alia c nec q sed sequitur s implicita. Et ideo in ipsa c non potest finiri nec terminari antecedens sillaba sicut tu terminasti eam desublitterando falso. Unum concluditur quod cs sunt de tenore prime sillabe et ita x pro quibus ipsa ponitur. Et sic probatum est quod errasti in desublitterando et etiam in sono uocis leni quem atribuisti huic littere x per hanc litteram s pronuntians, nam pulcrum sonum et lenem habet s. *X uero littera turpem [et] incónsonum et male sonantem.*

Desublitterator: — Fortissime sunt probationes tue o pronunciator cui resistendi uires non habeo. Sed obsecro te o p ut dicas mihi ubi inuenisti quod x habet turpem sonum.

p: — In libro deriuationum quem inueni in bibliotheca monachorum.

D: — Recita uerba magistri ipsius libri et quiescam.

[P]: — Ecce uerba uidelicet Xenodochium -ij, id est domus pauperum uel collectio pauperum, quod quidam propter absonanciam inceptionis scribunt per c et non per x. Et ulterius ait: has partes in l[a]titudine secundum huius littere susceptionem que est x et non ampliores reperii. Idcirco ut arbitror secundum huius littere inceptionem tam rare partes formantur quod turpem et incónsonum reddit sonum quociens in aliqua parte proponitur.

✱

Em nota marginal, à esquerda, junto do texto, em referênciã:

Quocienscumque hec autoritas nihil ad propositum facit nam in eo loco Priscianus loquitur de compositione non autem de sublitteratione quod enim in eo loco dicit id est quod primo compones integrum et incorruptumque manet.

✱

Si turpem sonum habet x hoc est in principio in solisque grecis dictionibusque in quarum solum principiis inuenitur, ubi aliud nomen sono diuerso appud eos solum consueto habet perinde ac si apud nos esset eadem consonans iuncta uocali i sic xi ideoque uerum dicit autor sed non uniuersaliter quia si in fine sillabe ponatur eum sonum ammittit duarumque consonantum sonum recipit, scilicet, cs sic ex ecs. Frustra igitur he adducuntur.

Fernandus Aluari Panalua

NOTAS

¹ O Ms CCCXCIV/426 Alc. contém os seguintes textos:

- 1 – *Vocabularium* de Papias (de que é o 3.º volume, começando com a letra Q, copiado segundo indicação do rosto, por Frei Afonso do Lourçal, membro cisterciense, do mosteiro de S. Maria de Seça, da Diocese de Coimbra, em 1.200): fols. 1 - 155 v;
- 2 – *Ars Grammaticae*, do mesmo Papias: fols. 155 v - 220 r;
- 3 – *Liber interpretationis hebraicorum nominum*, de S. Jerónimo: fols. 220 r - 249 r
- 4 – Série de nomes geográficos bíblicos, do Venerável Beda: fols. 249 r - 250 v;
- 5 – *De numeris*, ou arte de contar pelos dedos – diálogo acompanhado de figuras, de Rábano Mauro: fols. 250 v - 252 r;
- 6 – *Partes orationis*: fols. 252 v - 258 r;
- 7 – *Usus accentuales*: fols. 258 r;
- 8 – *De pronuntiatione huius littere x* (que reproduzimos seguidamente): fols. 258 v;
- 9 – *Divisio psalorum secundum Augustinum*: fols. 259 r.

A acumulação de todo este material deve-se certamente a um destino comum (servir no ensino escolar). As procedências podem ter sido diversas; as datas são certamente diferentes, a julgar pela escrita.

As diligências feitas para sabermos se o texto que aqui apresentamos já fora publicado não lograram qualquer resultado. Desde já agradecemos qualquer informação precisa que nos possa ser transmitida nesse sentido.

² A fonte é particularmente constituída pela obra de Ch. Thurot, *Notices et extraits de divers manuscrits pour servir à l'histoire des doctrines grammaticales au Moyen Âge*, Paris, 1869, reed. 1964, págs. 79 e 145, sobretudo.

³ No texto dar-se-ão em corpo tipográfico diferente.

⁴ Agradecemos ao P. Mário Martins, s. j., a amabilidade em tentar identificar o erudito e em nos comunicar a sua conjectura.

⁵ Sem ser objecto de luxo, a não ser em certos casos específicos, um códice medieval, mesmo escolar, não era também um objecto tão passivamente utilitário como o nosso livro individual que fugisse à vigilância do *librarius*.

⁶ Quanto ao problema aí tratado, o da pronúncia do *x*, no período medieval, apontaremos, por ser a mais completa, e talvez a menos divulgada entre nós, a síntese fornecida por Maria Bonioli, *La pronuncia del latino nelle scuole – dall'Antichità al Rinascimento*, Turim, 1962, parte I, p. 124: "Pode-se concluir que não só em *ex*, mas em todas as sílabas finais, *x* se pronunciava *s* mesmo nas escolas, às quais com o tempo se foi estendendo aquela pronúncia que, no latim vulgar, remontava ao Alto Império. De resto, é certo que, em França, na Idade Média, *x*, talvez por influência italiana, tinha valor de *s*, mesmo nas outras posições. A comprovação está nas grafias de algumas palavras eruditas do francês antigo, como *effluxion* : *efflucion*; *exécuteur* : *essecuteur*; *exercer* : *esserxer*; *flexibile* : *flussibile*; *excuser*, *esciper*, *espectation*, *espert*, *estreme*". Para a prática clássica, referida pelos gramáticos consagrados, independentemente da consulta directa às fontes (Keil, *Grammatici Latini*), poderá ver-se Ernesto Faria, *Fonética histórica do latim*, Rio, 1957, pp. 112 - 113.

AIRES AUGUSTO NASCIMENTO